

O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES A PARTIR DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Ana Paula da Silva Santos

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias

Resumo

A questão da diferença vem apresentando na nossa sociedade cada vez mais visibilidade e se manifesta de diversas formas, desde as questões étnicas, de gênero, de raça, orientação sexual e classe social, até mesmo as questões religiosas, modos de expressão e saberes. No contexto escolar, a Educação Física parece ser uma das disciplinas mais esperadas na semana por grande parte dos alunos e alunas. O fato pode ser analisado a partir da própria vivência do componente que, em geral, rompe com a fixidez do corpo, possibilitando outros espaços de movimento e reflexão. Porém, nem sempre o repertório de gestos e práticas corporais é valorizado e reconhecido pelo espaço da escola. Tal contexto pode ocasionar o engessamento de modos de se conceber as diferenças de gênero, classe, raça, sexualidade, idade, habilidade motora, etc. Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo analisar como as questões relacionadas às diferenças culturais são tratadas pelos/as professores/as nas aulas de Educação Física do ensino médio no cotidiano de uma escola pública estadual localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. O interesse por investigar o ensino médio se deu pelo fato do ensino da Educação Física neste segmento ainda ser um assunto pouco abordado na área, talvez pela dificuldade dos professores/as e alunos/as em superar a famosa aula “rola bola”, ou ainda pelo sentimento de fracasso que ronda este segmento de ensino marcado pelo forte viés esportivizante e pela descontextualização com a cultura juvenil. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observações das aulas ao longo de um semestre. Os dados produzidos e analisados, a partir da perspectiva da educação intercultural, evidenciaram que as diferenças culturais, mesmo que presentes no espaço das aulas, não são pensadas como uma riqueza pedagógica, ou seja, como uma potencialidade a ser destacada nas práticas educacionais cotidianas da escola. Defendemos que a Educação Física em uma perspectiva intercultural pode favorecer o diálogo entre as diferentes culturas, possibilitar práticas educativas que levem em conta a igualdade construída na diferença e vice-versa, tratar as diferenças culturais como riqueza pedagógica e contribuir para a construção de relações democráticas e justas nas quadras, pátios e salas de aulas.

Palavras-chave: Educação Física. Educação intercultural. Ensino médio.

Introdução

Nos dias de hoje, não há como negarmos a presença de um grande desafio no chão da escola: como lidar com as diferenças culturais nas salas de aula, pátios, quadras?

Tal questão vem apresentando na nossa sociedade cada vez mais visibilidade e se manifesta de diversas formas, desde as questões étnicas, de gênero, de raça, orientação sexual e classe social, até mesmo as questões religiosas, modos de expressão e saberes.

No contexto escolar, a Educação Física parece ser uma das disciplinas mais esperadas na semana por grande parte dos alunos e alunas. O fato pode ser analisado a partir da própria vivência do componente que, em geral, rompe com a fixidez do corpo, possibilitando outros espaços de movimento e reflexão. Porém, segundo Neira e Nunes (2009), nem sempre o repertório de gestos e práticas corporais é valorizado e reconhecido pelo espaço da escola. Tal contexto pode ocasionar afastamento e resistência por parte dos alunos e alunas e, ainda mais, o engessamento de modos de se conceber a diferença cultural de gênero, classe, raça, idade, etc.

E a realidade do ensino médio nos mostra que a Educação Física tanto pode suscitar a inclusão como a exclusão, a performance ou a falta de habilidade e, por fim, o padrão aceitável ou o rejeitado.

Conforme Júnior e Neira (2016), o ensino da Educação Física no ensino médio é um assunto pouco recorrente na área, talvez pela conformidade dos docentes em relação à atitude dos/das discentes frente às aulas configurando a famosa aula “rola bola”, ou ainda pelo sentimento de fracasso que ronda este segmento de ensino e sua linha conteudista que pouca se articula com a realidade da juventude atual.

Comumente, as propostas para esse segmento da educação básica partem de características generalistas da faixa e sugerem um rol de conhecimentos “necessários” para a atuação na sociedade que, em hipótese, interessariam a todos os alunos em conformidade com seus níveis de desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo. Ora, o alardeado insucesso da escola com relação à população juvenil é razão mais do que suficiente para rechaçar um trabalho pedagógico apoiado em referenciais psicobiológicos, que fixam as identidades dos sujeitos, esperando que as ações didáticas se desenvolvam a partir de uma explicação universalista (JÚNIOR; NEIRA, 2016, p. 49).

Dentro desta perspectiva, este estudo teve como objetivo compreender como os/as professores/as de Educação Física lidam com a questão das diferenças culturais no cotidiano escolar.

Optamos por situar as questões apresentadas no contexto da escola de ensino médio e, neste sentido, buscar entender como os/as professores da rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro lidam com as questões das diferenças culturais no cotidiano das aulas de Educação Física.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professores/as de Educação Física e observações das aulas ao longo de um semestre.

Tais inquietações subsidiam a escolha da educação intercultural como fundamentação teórica deste estudo e ponto de partida para se pensar a questão das diferenças como riqueza pedagógica (CANDAU, 2014).

Diferenças culturais e Educação Física: tecendo articulações

Defendemos que é fundamental construir currículos no campo da Educação Física que rompam com princípios tradicionais da área caracterizados por serem elitistas, excludentes, classificatórios e monoculturais. Desta forma, como salienta Neira (2011), com aulas focadas nas habilidades motoras, na aprendizagem do gesto esportivo ou nas visões monoculturais de saúde e cuidados com o corpo, dificilmente se possibilitará a construção de subjetividades abertas à diversidade cultural.

Assim,

[...] esses currículos se configuram como campos impermeáveis ao diálogo com as diferenças. Ou seja, não estabelecem qualquer diálogo com os diferentes grupos sociais, pois apostam em uma humanidade comum a todos, nem tampouco percebem as marcações e divisões sociais em termos de classe, raça, etnia e gênero (NEIRA, 2016, p. 69).

Tais visões resultam de modelos pautados em uma hegemonia eurocêntrica propagados a partir do século XIX onde a burguesia, para manter sua primazia, necessitava investir na construção de um ser humano que pudesse suportar uma nova ordem política, econômica e social através do cuidado com os aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos (SOARES, 2012).

Dentro de uma perspectiva biológica e naturalizada, ela incorporava e veiculava a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina e da saúde como responsabilidade individual.

Romper com essa lógica biológica e naturalizada se constitui como o grande desafio da Educação Física a partir da década de 80, época em que os primeiros sinais de

resistência e subversão a esse modelo hegemônico começam a surgir, impulsionados principalmente pelos movimentos sociais e as teorias críticas.

Nesse sentido, entendemos que práticas da Educação Física que caminhem para a construção do diálogo cultural e que concebam as diferenças culturais como constituintes de cada sujeito são elementos fundamentais na elaboração do currículo.

Nessa perspectiva, consideramos importante destacar sobre qual (is) diferença (s) o presente estudo se aproxima.

Para Candau (2012, p. 90), as diferenças:

São constitutivas dos indivíduos e grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que tem de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a ela referidos objeto de preconceito e discriminação.

Como “diferenças culturais” tratadas no presente estudo, incluímos as diferenças de raça, classe social, orientação sexual, gênero, etnia, linguagem, religião e deficiência.

É válido ressaltar a importância de entender que essas relações são marcadas por tensões e conflitos em função de mecanismos de poder que, por esse motivo, provocam a construção de hierarquias, processos de subalternização, preconceitos e discriminações em relação aos grupos sociais historicamente inferiorizados (CANDAU, 2014).

Educação intercultural e Educação Física: articulando concepções

Desde 1996, o GECEC – Grupo de Pesquisas, Cotidiano, Educação e Cultura(s) – coordenado pela professora Vera Candau na Puc/Rio, vem desenvolvendo pesquisas sistemáticas sobre diversos aspectos da relação educação e cultura(s).

Uma reflexão que vem acompanhado o grupo ao longo do tempo é em relação ao multiculturalismo e a interculturalidade e todas as tensões e desafios que envolvem ambas as perspectivas. Neste contexto, consideramos importante distinguir a definição de educação intercultural proposta pelo grupo citado, ressaltando que a mesma é fruto de um intenso trabalho coletivo que envolveu leituras, discussões, debates, trocas, consensos e dissensos, mas que ao final teve como consequência a construção do conceito de educação intercultural. Candau (2016, p. 347) destaca tal definição:

A educação intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diferentes sujeitos,

individuais e coletivos; saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça social, econômica, cognitiva e cultural; assim como na construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença.

Deste modo, acreditamos que a articulação entre a Educação Física e a educação intercultural pode ser um caminho privilegiado para a construção de práticas pedagógicas plurais e igualitárias.

Ao possibilitar a ampliação dos conhecimentos sobre as práticas corporais articulada com as questões relacionadas às diferenças culturais, este estudo buscou desconstruir a hierarquia presente em muitos currículos, onde conteúdos considerados hegemônicos como o esporte de alto nível tenham o mesmo espaço que os conteúdos presentes nas culturas consideradas inferiorizadas, como por exemplo, a capoeira e as danças de origem afro-brasileiras.

Resultados e discussões

Dialogando com os estudos até aqui destacados e compreendendo a importância da pesquisa acadêmica para a construção de novos conhecimentos e perspectivas, buscamos investigar como os/as professores/as entrevistados lidam com as diferenças culturais na dinâmica escolar, e como estas mesmas diferenças se manifestam nas aulas de Educação Física.

Em relação à escola, eles são muito acostumados a viver com a diferença. Eles têm dificuldades no 1º ano, mas depois eles vão convivendo e acabam interagindo. Temos casos aqui de alunos não-surdos no 3º ano já aprendendo a usar libras para se comunicarem com seus colegas. É muito difícil ter uma escola assim, onde um ajuda o outro, não vemos preconceito em relação aos problemas que eles têm. Tem escolas que o deficiente fica jogado de lado e aqui não acontece isso (professora Lúcia¹).

Neste depoimento, percebemos o quanto as diferenças culturais permeiam o cotidiano da escola e, além disso, como a professora entrevistada traz a ideia de que as diferenças estão presentes nas pessoas e, por conta disso, precisam ser aceitas e respeitadas.

¹ Foram utilizados nomes fictícios afim de manter o anonimato dos/as entrevistados/as

Quando perguntados sobre a presença das diferenças culturais na aula de Educação Física e os desafios enfrentados no cotidiano das aulas, os/as professores/as destacaram convergências e divergências em relação à questão.

Mesmo levando em conta o contexto da escola, toda essa aceitação, a gente até consegue, às vezes, visualizar quando o aluno se destaca por conta dessas diferenças, mas nada que atrapalhe o andamento das atividades não...No ensino fundamental ainda presenciemos algum tipo de preconceito em relação à cor da pele, ao gênero...mas aqui no ensino médio não tenho problema, encaramos com naturalidade (professora Ana).

A questão da deficiência é mais complicada pra aula de Educação Física, porque os professores não buscam conhecimento, porque também não dá tempo. Eu fiz um curso de seis meses pela Universidade de Juiz de Fora 'acessibilidade na Educação Física escolar', eu fui a única professora do Rio a fazer. Então eu aprendi muita coisa ali. Enquanto eu estudava, eu colocava em prática as ideias na aula (Professora Eliana).

No que tange a trabalhar as questões relacionadas às diferenças culturais nas aulas de Educação Física, os/as professores/as mostraram sensibilidades para tal proposta.

Pra trabalhar com isso tem que ter o olhar para as diferenças...você não vai falar daquilo que você não ama...a gente não aprendeu isso na faculdade! Pelo menos eu não! Eu não tinha Educação Física adaptada...muito pelo contrário! A questão de gênero pouco aparecia...o masculino e feminino sim, os outros não! A gente que é formado naquela época tem essa dificuldade. Agora não né...agora tá um diálogo bem melhor...tudo isso precisa estar na formação inicial do professor! Porque ele leva um choque quando chega aqui! (professora Eliane).

Diante disso, podemos reconhecer que o olhar para as diferenças culturais vem cada vez mais ocupando espaços no âmbito educacional no intuito de respeitar e valorizar as diferentes culturas.

Considerações finais

Reconhecemos que as diferenças culturais estão presentes nas salas de aula, pátios, corredores, quadra, porém, a partir da análise realizada, é grande a dificuldade em lidar positivamente com elas. Na maioria das vezes são vistas na perspectiva do preconceito, discriminação e da necessidade do reconhecimento ao outro, normalmente considerado como “o diferente”.

Constatamos que os/as professores entrevistados não inserem as questões ligadas às diferenças na dinâmica de aula, embora ao reconhecerem algum tipo de preconceito ou discriminação, assumam uma atitude reflexiva e combativa frente as diversas formas de desigualdade.

A Educação Física pautado na perspectiva da educação intercultural abre espaço para o estudo das práticas sociais e corporais pertencentes aos grupos desfavorecidos, reconhece que todos os alunos e alunas possuem conhecimentos construídos socialmente que devem ser ampliados e transformados em função da construção de novas identidades abertas às diferenças e aos desafios impostos pela sociedade excludente e desigual na qual estamos inseridos/as.

Sem pretender esgotar o assunto, é importante reconhecer a educação intercultural como um processo em construção, embora já vislumbramos pistas de sua presença em diferentes âmbitos educacionais.

Referências bibliográficas

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: CANDAU, V. M. (Org) **Didática crítica intercultural, aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Cap. 3, p. 81-106.

_____. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Cap. 1, p. 23-41.

_____. Cotidiano escolar, formação docente e interculturalidade. In: CANDAU, V. M. (Org) **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016. Cap. 4, p. 342-357.

JÚNIOR, C. I. C. e NEIRA, M. G. Cultura juvenil e Educação Física. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016, p. 49-68.

NEIRA, M. G. **Educação Física**, São Paulo: Blucher, 2011.

_____. O currículo da Educação Física: por uma pedagogia da (s) diferença (s). In: NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural: por uma pedagogia da (s) diferença (s)**. Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

SOARES. C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 5ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.